

# O PROCESSO DE ALFABETIZAR LETRANDO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wanda Martins da Cruz Valério<sup>1</sup>

Bárbara Cristina Heitor Silva<sup>2</sup>

## RESUMO:

O objetivo geral desse trabalho é compreender os conceitos de Alfabetização e Letramento e suas interrelações. Nos dias de hoje, o fundamental é que a criança das séries iniciais seja trabalhada para ser alfabetizada e também letrada, isto é, saiba interpretar variados e diversos textos, desde um Conto de Fadas até mesmo um poema; ou saber escrever um texto com coesão e mesmo interpretar acontecimentos diários em sua vida. Mas, nem todos os professores alfabetizadores conseguem trabalhá-los em conjunto e da forma correta. Dessa forma, o tema surgiu pelo interesse em revelar aos educadores que os mesmos precisam deixar um pouco de lado o quadro negro e conduzirem uma aula com práticas pedagógicas segundo a realidade da criança e que, principalmente, estas tenham convivência com variados textos, diversos gêneros textuais; com o lúdico por meio de brincadeiras e jogos; com a música; com outros modos de condução de leitura, como rodas e até mesmo com a tecnologia, como as Tecnologias de Informação e Comunicação; enfim que a Alfabetização se desenvolva em um contexto de letramento nos anos iniciais. A metodologia de pesquisa utilizada nesse trabalho foi o levantamento bibliográfico. Viu-se que o professor alfabetizador não deve se contentar em ser um profissional passivo para que realmente ocorra a junção Alfabetização/Letramento. Para que realmente a Alfabetização e o Letramento caminhem juntos nas séries iniciais o educador necessita levar para a sala de aula algo que, aflore na criança o desejo de se envolver realmente com os processos da Alfabetização e Letramento e realmente fazer com os mesmos se consolidem com qualidade. Esse algo nada mais são práticas pedagógicas diversas, criativas e reais aos olhos das crianças das séries iniciais. O professor alfabetizador enfrenta grandes desafios em meio a todo o processo de Alfabetização/Letramento as crianças das séries iniciais, tanto pela responsabilidade, como pelo desafio de atender a todos os educandos dentro de suas possibilidades de aprendizagem; e planejando as melhores atividades a cada um.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Letramento; Práticas pedagógicas; Séries iniciais.

## 1. Introdução

Antigamente o processo de ler e escrever eram ações vistas como objeto social, contudo, com o passar do tempo, transformaram-se em funções essencialmente escolares,

---

<sup>1</sup> Graduanda/o do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail:

<sup>2</sup> Professora/o .... (Breve descrição que a/o qualifique na área de conhecimento do artigo, contendo o vínculo institucional)

fazendo com que as mesmas não possuíssem funções fora da escola. Hoje, o processo de saber ler e escrever são acontecimentos importantes na escola, pelo fato de que é algo vital fora dela para qualquer pessoa dentro de seu contexto social.

No âmbito mundial, a partir das últimas décadas do século XX, muitos países, como os Estados Unidos, Portugal, Inglaterra e França refutaram e renovaram o foco no tratamento da leitura e da escrita processada diante do sujeito alfabetizado e letrado, se afirmando como ponto essencial (KLEIMAN, 2012). Estas nações observaram e trabalham hoje em benefício da criança que, mesmo alfabetizada, lamentavelmente não domina as aptidões de leitura e de escrita primordiais para a interação concreta e qualificada nas práticas sociais e futuramente nas ações profissionais que envolvem a língua escrita (KLEIMAN, 2012).

Quanto ao cenário nacional, com o desenvolvimento cultural e econômico, viu-se que o analfabetismo foi minimizado, mas verificou-se que se necessita elaborar novas práticas de leitura e escrita. Estas deveriam ser melhores desenvolvidas e variadas que meramente saber ler e escrever como vinha ocorrendo no sistema social.

Historicamente, o acesso à educação e aos processos de leitura e escrita, estavam associados a privilégios de uns em detrimento a outros, isto é, a educação não era para todos. Atualmente, ocorre o processo de democratização da educação que passa a alcançar maior parte da população.

Dessa forma na metade da década de 80, houve o desenvolvimento do conceito de letramento no Brasil (KLEIMAN, 2012). Este propunha ser diferenciado do então conhecido termo Alfabetização, portanto, fez-se foco de importância e debate na educação, juntamente a junção dos dois processos em práticas pedagógicas.

As inquietações que motivaram essa pesquisa têm relação com a trajetória escolar da autora, que quando jovem, não teve oportunidade de terminar os estudos, sendo seu sonho sempre ser uma educadora dos anos iniciais e trabalhar como alfabetizadora; por considerar um período fantástico e curioso, onde a criança começa a ter contato com as letras e os números na escola, assim, sendo algo gratificante quando se alfabetiza, quando o sujeito começa a ler e a escrever. Durante a atuação como monitora de Inclusão em Instituição de Educação Infantil, foi possível refletir sobre a importância do processo de alfabetizar letrando, além da necessidade de se oportunizar educação no tempo certo para todas as crianças e jovens.

Justifica-se o tema da pesquisa pelo fato de que é muito importante a compreensão de que a apropriação da escrita é diferente de aprender a ler e a escrever. Esta apropriação significa adquirir um conhecimento, uma instrução, é tornar a escrita própria, ou seja, assumir

a escrita como propriedade individual. Assim, o assunto é de extremo interesse para os profissionais da educação, para que estes consigam elaborar práticas pedagógicas de leitura e escrita destinadas aos alunos dos anos iniciais; embasando-as não somente no processo da Alfabetização, mas também em junção com o Letramento. Além disso, o tema é também interessante para o público em geral em função de que, muitas pessoas, independente de educadores, confundem as características da Alfabetização com as do Letramento, ou mesmo, não sabem o que significa, um ou outro, dentro do contexto educacional diário.

Para nortear a pesquisa, apresenta-se a seguinte questão: Como o professor alfabetizador pode alfabetizar letrando?

Deste modo, estabeleceu-se como objetivo geral, compreender os conceitos de Alfabetização e letramento e suas interrelações. Além disso, temos como objetivos secundários compreender os caminhos do Alfabetizar Letrando no Brasil, de acordo com Magda Soares, e, por fim, investigar as principais práticas e desafios apresentados ao professor alfabetizador na atualidade.

A definição da metodologia que orienta o caminho da pesquisa é extremamente fundamental para que ela possa alcançar a qualidade esperada. A metodologia escolhida para este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica pelo fato de que há muitas obras interessantes sobre o tema Alfabetizar letrando, como Kato (2012), Soares (2014), Tfouni (1995) dentre outras que juntamente com as publicações mais recentes sobre a temática, poderão nos levar ao encontro das questões que nos guiam.

Segundo Minayo (2017, p. 31), “a revisão bibliográfica é construída com as várias fontes pesquisadas, sendo uma discussão entre os autores da qual resulta uma consideração final”. Obviamente as buscas e leituras desenvolvidas tiveram como cuidado especial averiguar as informações apresentadas com o objetivo sempre de refletir da maneira mais pertinente aos conceitos e informações apresentadas pelos autores.

## **2. Desenvolvimento**

### **2.1 Alfabetização e Letramento uma tentativa de aproximação do conceito**

A importância de ser alfabetizado no mundo das tecnologias e globalização tem um valor indiscutível. Saber ler e escrever é um importante meio de se ter um conhecimento cada vez mais evoluído e de se obter maior autonomia e várias maneiras de conseguir mais e mais o saber.

Como afirma Freire (1995, p. 45), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Com o desenvolvimento da sociedade tanto cultural quanto economicamente falando, percebe-se que o tão falado analfabetismo conseguiu ser minimizado, porém sentiu-se uma nova necessidade, a de se criar novas práticas de leitura e escrita. Estas deveriam ser mais avançadas e complexas do que simplesmente saber ler e escrever como vinha acontecendo no sistema social. Assim, em meados dos anos de 1980, surgiu o termo Letramento no Brasil. Tal termo pretendia ser distinto do conhecido termo Alfabetização. Então, este termo tornou-se alvo de atenção e discussão na educação, considerando-se o grande número de artigos e livros sobre o tema, publicados desde então (KLEIMAN, 2012).

Os estudos a respeito do Letramento no Brasil começaram a ser desenvolvidos na década de 80, sendo que dentre os pesquisadores estavam Paulo Freire, cuja extensa obra é um empenho incessante em fazer com que, ao se alfabetizar, o indivíduo alcance também sua cidadania. Trabalhos publicados por Kato (2012) e Tfouni (2015), também constavam de uma pesquisa pioneira em relação ao Letramento.

Kleiman, em sua obra (2012), afirma que a escola é a maior responsável pelo letramento dos alunos, portanto têm que dar prioridade as práticas sociais de leitura e escrita e deixar de dar ênfase somente em uma prática de Alfabetização: a Alfabetização e aquisição de habilidades cognitivas e a promoção, ou seja, a escola deve priorizar a diversidade textual que vincula na sociedade e deixar de dar os textos cartilha dos que mascaram o processo de alfabetização.

De acordo com os autores supracitados, o novo termo se fez basilar ao se verificar que, a população, mesmo alfabetizada, não possuía domínio de habilidades de leitura e escrita que se faziam necessárias para que o indivíduo gozasse de uma participação legítima na sociedade em que fazia parte, então se acordou para o feito da importância de tais habilidades para que se tivesse um uso eficiente da leitura e da escrita questionando-se a definição de Alfabetização. Tais questionamentos provocaram a alteração neste conceito de Alfabetização, e foi justamente essa mudança de conceito que, fez com que surgisse o termo letramento como um novo conceito de Alfabetização, uma Alfabetização mais contextualizada e de melhor aplicabilidade na sociedade que estava surgindo.

Parafraseando Kleiman (2012), o Letramento é apreciado nos dias de hoje como possuidor de um conceito amplo, um conceito plural, o qual possui diversos significados. E a

autora comentada, traz a definição do termo Letramento como “um conjunto de práticas sociais, que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 2012, p. 19).

Portanto, as instituições escolares necessitam garantir a todos os educandos, em seu dia a dia, a experiência e convivência com práticas sociais reais de leitura e de produção de textos variados. Os professores das séries iniciais precisam realizar práticas pedagógicas bem planejadas e internacionalizadas, direcionadas para uma aprendizagem significativa; as quais atingirão finalidades mais eficazes, tanto em se tratando da Alfabetização e do Letramento, especialmente trabalhando Alfabetização com Letramento junto aos educandos.

Brandão (2016, p. 60) relata que, deve ser “atribuído ao docente à tarefa de propor a leitura de textos interessantes, que tenham significado para seu grupo de alunos, assim como proporcionar um bom trabalho de exploração e compreensão desses textos”.

É principal objetivo da escola, fornecer aos educandos maior variedade textual, norteando a aprendizagem para que eles sejam capazes de interpretar vários gêneros textuais, discursarem e produzirem textos variados.

## **2.2 Alfabetização e Letramento no Brasil: diálogo com Magda Soares**

É interessante que a necessidade de se ter práticas sociais de leitura e escrita mais desenvolvidas e profundas ocorreram em um mesmo momento histórico, meados da década de 80, século XX; em povos tão divergentes tanto socialmente, como economicamente: o Letramento se fez presente tanto no Brasil, como França, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos (SOARES, 2003).

Contudo, o afloramento do Letramento em países desenvolvidos, como Inglaterra, França e Estados Unidos é bem diferente de um país em desenvolvimento, como o Brasil. A exata diferença como aponta Soares (2003), se encaixa nas relações entre as práticas sociais de leitura e de escrita, e principalmente quanto a aprendizagem do sistema de escrita.

Nos países desenvolvidos, como França e Estados Unidos, as práticas sociais de leitura e de escrita apropriam-se da essência do problema, isto é, mesmo alfabetizada a população não compreendia as habilidades de leitura e de escrita primordiais para a participação bem-sucedida e eficiente nas práticas sociais e profissionais que abraçam a língua escrita.

Já, no Brasil, a situação é totalmente contrária dos países comentados acima. O acordar para a relevância e precisão de práticas para o emprego eficiente da leitura e da escrita

tem sua essência voltada à aprendizagem inicial da escrita, fortalecendo-se, sobretudo desde um questionamento do conceito de alfabetização (SOARES, 2003).

É que no Brasil, os conceitos de alfabetização e letramento se confundem. E tal situação pode ser averiguada, tomando-se para verificação causas como os censos demográficos, a mídia, a produção acadêmica.

O termo alfabetizado foi declarado até o Censo de 1940, como o indivíduo capaz de ler e escrever, com capacidade de escrever o próprio nome; ou mesmo ler e escrever um bilhete. Mas a partir do Censo de 1950, o dever de um nível de Alfabetização funcional da população, apresentava-se subentendido nesse novo conceito, que se presumia que depois de alguns anos de aprendizagem escolar, o educando teria aprendido não meramente a ler e escrever, no entanto muito, além disso, almejava-se que o mesmo pudesse utilizar esta leitura e escrita para se manifestar na sociedade. Desde então, se constatou que ocorreu um progressivo acréscimo do conceito Alfabetização em se tratando do conceito Letramento, pode-se dizer então que Letramento é um fenômeno social (SOARES, 2003).

A mídia também tratou durante a década de 90, século XX, da Alfabetização como alguém que apenas sabia ler e escrever, o que não era analfabeto funcional, apenas utilizando o critério do indivíduo saber ou não ler e escrever; isto é tal situação que aproxima o conceito de Alfabetização do conceito de Letramento.

E até a produção acadêmica nacional, quase sempre associa os termos Alfabetização e Letramento, sendo notado já numa das primeiras obras a tratar do Letramento, a obra *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, de Leda Verdiani (SOARES, 2003).

Como está revelando Soares (2003), o surgimento do Letramento no Brasil ocorreu por trajetos diferentes daqueles dos países desenvolvidos. Aqui, Letramento sempre é apontado como um conceito enraizado na Alfabetização; o que tem provocado uma fusão errada entre os dois.

É preciso reconhecer que, cada um dos termos tem sua importância conceitual. Torna-se imprescindível efetuar uma delimitação das propostas pedagógicas e perceber que o feito Letramento, ao mesmo tempo em que, possui a função de eliminar absolutamente as práticas mecânicas do ensino, da mesma maneira faz com que os implicados na educação revejam a propriedade da Alfabetização.

Conforme Soares (2003) explica, o processo de alfabetizar, enxergado como um processo de caráter tradicional quanto a uma escrita ortográfica e alfabética foi de alguma forma, ocultada pelo Letramento, pois este prevaleceu sobre aquela; ocorrendo o que se denomina por esta autora, de invenção da Alfabetização desde as duas últimas décadas.

Assim, dissociar os dois processos é algo absolutamente errôneo: a Alfabetização e o Letramento não são ações que se manifestam sozinhas, mas um se sujeita ao outro; isto é são unificados em seu contexto.

Portanto, as instituições escolares necessitam garantir a todos os educandos, em seu dia a dia, a experiência e convivência com práticas sociais reais de leitura e de produção de textos variados. Até, porque, graças a atual Constituição Federal, a partir de 1988 pode-se afirmar que durante o processo de Alfabetização, o aluno dá seus primeiros passos rumo à cidadania.

Tfouni (2016) comenta que,

[...] o domínio da língua escrita é algo fantástico, pois humaniza o indivíduo e o conduz à era da informação de modo mais fácil. O direito à educação, instituído pela nossa Lei Maior, a Constituição Federal, não se compara a apenas conseguir uma vaga na escola, mas a obter um ensino de qualidade composto de bens culturais e materiais, e, além disso, que respeite o que é ser diferente perante a sociedade (TFOUNI, 2016, p. 34).

O termo alfabetização é algo bem complexo, não é limitado, como apenas soletrar, ler e escrever, ou mesmo, assinar o próprio nome; mas também, propõe a integração do homem à sociedade, a ser cidadão de direitos e de deveres, a se considerar importante para um país (FREIRE, 1995).

O termo Alfabetização se fundamenta na língua escrita, como também na percepção, na expressão de significados, contudo, verifica-se um terceiro ponto prevaiente também, o qual é totalmente contrário dos dois primeiros, que apreciam a Alfabetização como um processo individual. No terceiro ponto, a Alfabetização está focada para o aspecto social. Desse modo, a importância do processo da Alfabetização não é igual para todas as sociedades (SOARES, 2013).

Por meio da alfabetização, a criança consegue ser hábil quanto à linguagem, compreendendo a leitura e a escrita; e conseqüentemente elaborar textos tanto oral, como escrito; e assim possuir uma notável interação com quem quer que seja e em qualquer ambiente.

É interessante dizer que, pela leitura, o aluno conquista pouco a pouco, as convenções ortográficas e gramaticais, agregando conhecimentos voltados às exigências de escritor socialmente aceita. Evolui o desejo e o prazer pela leitura e a capacidade de compreender, interpretar e expandir as ideias do autor, formando-se o leitor crítico.

Assim, Ferreiro (2010) revela que,

[...] no primeiro estágio (nível pré-silábico) a criança vê a palavra como um todo global e a representa com vários símbolos, usados aleatoriamente. No estágio seguinte (nível silábico) ela já percebe as unidades silábicas, usando apenas um símbolo para representar cada uma. Só quando atinge o terceiro estágio (nível alfabético) a criança está apta a compreender os complicados mecanismos da leitura e da escrita (FERREIRO, 2010, p. 56).

No pré-silábico o aluno possui uma quantidade mínima de letras e varia os caracteres. No silábico o aluno já faz uma relação entre o que se fala e o que se escreve; cada letra representa uma sílaba. No silábico-alfabético não há uma relação ampla do som com a grafia, mas a grafia corresponde à unidade sonora menor que a sílaba. E no alfabético, a criança conseguiu vencer a barreira do código escrito, ficando somente a ortografia para ser corrigida.

Como se vê pelos seguimentos dos níveis de alfabetização, “alfabetizar é penetrar num mundo novo, é mudar o eixo referencial da vida. O domínio da língua escrita dá à criança uma autonomia ao mesmo tempo prazerosa e assustadora” (WEISS, 2014, p. 70).

Alfabetizar é fazer com que a criança entre em um mundo novo e assim, mudar sua vida para sempre de forma autônoma e divertida. E, em se tratado da importância do Letramento, constatou-se o dever de um nível de Alfabetização funcional da população, apresentava-se subentendido nesse novo conceito, que se presumia que depois de alguns anos de aprendizagem escolar, o educando teria aprendido não meramente a ler e escrever, no entanto muito, além disso, almejava-se que o mesmo pudesse utilizar esta leitura e escrita para se manifestar na sociedade. Desde então, se constatou que ocorreu um progressivo acréscimo do termo Alfabetização em se tratando do termo Letramento, podendo se dizer então que Letramento é um fenômeno social (COSSON, 2014).

É preciso reconhecer que cada um dos termos tem sua importância. Torna-se imprescindível efetuar uma delimitação das propostas pedagógicas e perceber que o feito Letramento, ao mesmo tempo em que, possui a função de eliminar absolutamente as práticas mecânicas de ensino instrumental, da mesma maneira faz com que os implicados na educação revejam a propriedade da Alfabetização.

Deste modo, o Letramento é uma expressão bem atual, desenvolvido para atender as imposições e necessidades da sociedade que vem se modificando no decorrer da história, fazendo com que seja essencial cada vez mais que a pessoa se capacite para estar junto desta, de modo dinâmico e interativo. Chegou com a meta de proceder ao processo de Alfabetização, procurando redirecionar o ensino da escrita na escola preferindo o que há de comum na escrita que apresenta na sociedade (SOARES, 2013).



O educando que não é letrado apresenta escassez de comunicação com o mundo a sua volta, podendo no futuro afetar sua atuação profissional e até mesmo social, simplesmente pelo fato, de que seu campo de visão é comprometido, ficando limitado a apenas a se enxergar, não conseguindo ter um desenvolvimento crítico diante de tudo e de todos.

Durante os estudos efetuados para este artigo, verificou-se que, por inúmeras décadas, considerou-se que para um sujeito ser alfabetizado bastava saber e dominar letras do alfabeto. Porém, agora nos dias atuais se sabe que, mesmo sendo necessário, o entendimento das letras isto por si só não é suficiente para transformar um indivíduo com competência quanto ao uso da língua escrita (SOARES, 2013).

É indispensável compreender que dominar a língua não é um simples conhecer as letras, tal situação não é satisfatório para praticar uma comunicação impecável. A linguagem atual transformou-se num verdadeiro fenômeno social, exigindo uma estrutura dinâmica e coletiva, ou seja, a escrita também é vista como um elemento cultural e social.

Tendo-se a finalidade de se ajustar a essas condições da sociedade e suas transformações culturais, é que se pode ressaltar o aparecimento da expressão Letramento, é que este que vem deixar perceptível o que de fato quer dizer, que um sujeito está realmente capaz de se comunicar na presente sociedade (COSSON, 2014).

O termo Letramento traz que a Alfabetização trata-se de um meio para se chegar ao Letramento, uma vez que a Alfabetização oferece o conhecimento das letras enquanto que o Letramento é algo mais completo e ao mesmo tempo complexo, ele traz uma exigência social e cultural da leitura e da escrita.

Para Freire (2013, p. 34), “o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem”.

É possível compreender, então, que o Letramento possui a função de desenvolver pessoas mais comunicativas, que tenham influência ativa na sociedade em que habitam; para tanto é necessário se ter o entendimento de que não basta ser alfabetizado; é fundamental ser letrado (SOARES, 2013).

Ao se perceber e considerar a importância do Letramento vê-se também que, os antigos métodos de ensino de exercícios mecânicos e repetitivos com bases totalmente descontextualizadas, passam a ser deixados para trás, uma vez que se entende a importância do Letramento, e assim é possível compreender que o educando deve ser o principal foco do ensino em si. É justamente isto que está implícito no termo Letramento, precisam-se nortear

os educandos para que, estes construam seu conhecimento e compreendam que não mais devem ficar cativos ao que o professor tem a ensinar.

Conforme os dizeres de Soares (2014), o Letramento não se inicia propriamente na escola no momento do processo de Alfabetização. Tal acontecimento já se desencadeou bem antes, assim que a criança inter-relacionou junto à sociedade, ao longo de seus primeiros contatos com a língua, na ocasião em que seus pais liam obras infantis a elas, por meio de gêneros literários, como contos de fadas, fábulas, poesia, crônicas, dentre outros; sempre encantam e despertam, desde cedo, o interesse das crianças. Assim, a chegada desta criança representa uma continuidade da construção de seu conhecimento introduzido em casa.

Letrar deixa explícito que o importante não é exclusivamente codificar e decodificar as letras, mas sim ler e escrever textos significativos e contextualizados. Entretanto, nesse sentido, compreende-se que, quando esse processo não ocorre de forma adequada, as consequências são lamentáveis, pois compromete de maneira integral a vida do educando, dentro e fora do ambiente escolar.

A importância do Letramento é algo que não se vincula apenas aos sujeitos que conquistaram ou não a leitura e a escrita, isto é, os alfabetizados, a reflexão a respeito do Letramento vai mais longe, ele almeja apurar os danos da falta da leitura e escrita, de modo amplo no plano social, quer dizer, busca-se, acima de tudo, conhecer as particularidades da estrutura sociocultural do sujeito (TFOUNI, 2016).

E para findar, Alfabetizar e Letras são duas situações diferentes, mas não indivisíveis; longe disso, o certo seria alfabetizar letrando, isto é, direcionando a criança a ler e escrever perante o cenário das práticas sociais da escrita e da leitura, de modo que o sujeito se tornasse alfabetizado e letrado.

Leal *et al.* (2012, p. 13), “para alfabetizar letrando é necessário democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e da escrita, além de ajudar, o educando a reconstruir ativamente essa invenção social que é a escrita alfabética”.

Alfabetizar e letrar, sincronicamente, são entendidos como adversidades rotineiras nas instituições escolares. Requer raciocinar a respeito das práticas e concepções de Alfabetização empregadas quando o sujeito é iniciado no domínio da escrita, observa-se e reproduz as metodologias de ensino com a finalidade de assegurar que os alunos aprendam não somente a ler e registrar de modo autônomo as palavras mediante uma escrita alfabética, mas sim possam ler, produzir e entender os textos partilhados no cenário social como pessoas.

## **2.3 Práticas e desafios cotidianos: professor alfabetizador na atualidade**

As instituições escolares necessitam garantir a todos os educandos, em seu dia a dia, a experiência e convivência com práticas sociais reais de leitura e de produção de textos variados.

Os professores das séries iniciais precisam realizar práticas bem planejadas e internacionalizadas, direcionadas para uma aprendizagem significativa; as quais atingirão finalidades mais eficazes, tanto em se tratando da Alfabetização, como do Letramento. Assim, o professor não pode ficar apenas desenvolvendo o seu trabalho com base em livros didáticos, mas utilizar inúmeros materiais, como livros relacionados à Literatura Infantil; além de ferramentas lúdicas; como jogos, brincadeiras e a própria música; diferentes Gêneros Textuais, como lista de compras, cardápio de restaurante, Histórias em Quadrinhos, Fábulas, Poesias, Parlendas, notícia, carta, bula de medicamento; para que a Alfabetização se concretize com qualidade e o principal, junto ao Letramento. Assim, Mello (2008) explica que,

[...] quando se trabalha com Gêneros Textuais, como por exemplo, Contos de Fadas, Fábulas, o professor deve contá-las com expressividade e usar de todos os meios visuais para ilustrá-las, devendo explorar bem a narrativa, questionar os alunos sobre certos tópicos esquecidos para dinamizar a aula e fazer que estes interajam com o texto. As crianças podem desenhar e comentar sobre as histórias contadas pelo professor. Em meio a esse trabalho, as crianças sentem prazer em aprender a ler e escrever por meio da fantasia, o mundo encantado das fadas, um momento onde elas irão criar um mundo inanimado devido à necessidade de magia e encantamento. O professor deve atualizar-se, adequar as suas estratégias de acordo com seus objetivos e estar aberto a novas metodologias e à sua aplicação (MELLO, 2008, p. 21).

Esse é um grande desafio quanto ao Alfabetizar/Lettrar, isso é, o professor inovar a cada dia. Dessa forma, é principal objetivo da escola, fornecer aos educandos maior variedade textual, norteando a aprendizagem para que, os mesmos sejam capazes de interpretar vários gêneros textuais, discursarem e produzirem textos variados.

O professor alfabetizador não deve se contentar em ser um profissional passivo para que realmente ocorra a junção Alfabetização/Letramento, isto é, sua atuação não deve se manifestar somente diante do quadro negro ou mesmo do livro didático; oferecendo aos educandos aulas nas salas de aulas; sem levar para os mesmos, outros modos mais gostosos de ensinar a ler e a escrever, criticidade e cidadania.

O educador não deve se limitar a ser espectador passivo, nem mesmo rodear as crianças de livros, obras para que aprendam sozinhas, mas sim motivá-las através de textos do dia a dia, tais como receitas culinárias, placas, bulas de remédios, embalagens de produtos, enfim, materiais que possibilitem que elas aprendam na prática, com a experiência, com o “olho no olho” (COSTA, 2015, p. 110).

Desta forma, praticando, conseqüentemente, a criança terá o prazer de aprender de modo simples e proveitoso, pois aprende o que está ao seu alcance, com o que pode tocar, verificar e vivenciar. Quanto mais variados os textos, mais adequados para realizarem diferentes atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças e diferenças e, para o professor, ao aplicá-los em voz alta, dar informações sobre o que se pode esperar de um texto em função do objeto que o veicula. Assim, uma sala de aula pode requerer uma grande dose de intuição e imaginação, como adaptar atividades, currículo, projetos para os alunos das séries iniciais.

A ludicidade é uma das estratégias que pode ser usada para facilitar e propiciar a retenção de conhecimento que serve de base e pode ajudar a criança das séries iniciais durante o processo de Alfabetização e Letramento. Em se tratando das brincadeiras, há, por exemplo, as brincadeiras musicais que são divertidas, prazerosas, ativas e divertidas. A criança das séries iniciais sendo muito, ou pouco motivada, irá resultar do trabalho do professor ser interessante, como por exemplo, ensinar as letras do alfabeto por meio de cantigas de roda (COSTA, 2015).

Outra prática pedagógica, que pode ser conduzida pelo professor alfabetizador são as rodas de leitura, as quais têm papel importante no incentivo e promoção pela afinidade com textos literários, quanto a Alfabetização e Letramento de alunos em séries iniciais. Para isso, é necessário compreender qual é o objetivo dessa prática, bem como sua função, como elucidada Yunes (2009 *apud* VACCINI, 2011):

Nos círculos de leitura todos se acham em igual distância de um centro, que nunca é o professor, mas o texto, o filme, o quadro, a crônica, a reportagem, o documentário que se lê. O papel de coordenação, o espaço que une os pontos, é ocupado por um leitor-guia, figura que mobiliza, provoca, costura as demais falas, sem fazer prevalecer a sua própria. Com ele, o círculo se delinea (YUNES, 2009, p. 80 *apud* VACCINI, 2011, p. 6).

Vê-se que, ressalta-se a importância do professor alfabetizador nas rodas de leitura para que, o mesmo proporcione ao educando um espaço cativante, tendo por objetivo que, as

rodas de leitura unam os leitores, oportunizando o descobrimento pelo prazer do ato de ler e do incentivo em descobrir mais e mais gêneros textuais.

Novamente Vaccini (2011) explica que, o ambiente para desenvolver as rodas de leitura deve ser escolhido e preparado com antecedência. O professor alfabetizador pode iniciar a leitura fazendo pausas para comentar posicionamentos de relevância do texto, instigando a curiosidade nos educandos em saber o que acontecerá no decorrer da narração, oferecer a leitura para um educando que queira ler, mas não obrigá-lo. Dessa maneira, vai se dispondo a dividir a leitura entre eles e ficarão mais confortáveis em exporem seus pensamentos, acerca do texto lido. E já, para o educador, a preparação do texto com antecedência é importante para destacar elementos que, serão trabalhados durante a leitura na roda, compreendendo que é possível extrair do texto selecionado mecanismos para a interação com os leitores.

De acordo com Costa (2015, p. 111), “uma seleção adequada é estratégia indispensável ao êxito do trabalho com a formação de leitores”. Ela deve ser feita de maneira minuciosa, levando-se em consideração as peculiaridades entre os alunos leitores que serão atendidos.

Além do material didático que, a escola fornece para se trabalhar a Alfabetização/Letramento e práticas pedagógicas elaboradas pelo professor; as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão sendo introduzidas no contexto escolar como auxílio para fomentar a curiosidade dos educandos pelo querer apropriar-se da leitura e da escrita e também da interpretação de textos diversificados e do desempenho mediante as práticas sociais.

A televisão, o Datashow e a internet são meios que atualmente vem sendo utilizados nas escolas para difundirem conteúdos didáticos, contudo, não basta ter os meios de tecnologias de informação, se o professor alfabetizador não fizer uso dos mesmos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais propostos pela Secretaria de Educação,

[...] a incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A simples presença de novas tecnologias na escola não é por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações. A concepção de ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis- livro didático, giz e lousa, televisão ou computador. A presença de aparato tecnológico na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa,

crítica e criativa por parte de alunos e professores. (BRASIL, 1998, p. 140 *apud* RAIMUNDO, 2007 p. 112).

Como se vê, apesar do computador, do celular e da internet ainda não estarem disponíveis em todos os lares das famílias brasileiras; sua influência no meio social é muito grande, estando completamente inserido no ambiente escolar e auxiliando o educando como parte da apropriação do conhecimento. Segundo Almeida (2013),

[...] por meio da manipulação não-linear de informações, do estabelecimento de conexões entre elas, do uso de redes de comunicação e dos recursos multimídia, o emprego da tecnologia computacional promove a aquisição do conhecimento, o desenvolvimento de diferentes modos de representação e de compreensão do pensamento (ALMEIDA 2013, p.12).

Contudo, a inserção das TICs no ambiente escolar acarretam desafios para a educação por usarem excessivamente a linguagem audiovisual para reterem a atenção de seus usuários. Por isso, se faz necessário pensar sobre as finalidades das tecnologias de informação no processo de ensino aprendizagem do educando.

Diante disso, o professor alfabetizador passa a ter um papel diferenciado na construção do conhecimento, passando a ser o mediador para criar condições de aprendizagem. O fornecimento ao acesso de informações através das TICs modifica o modo em como se pode trabalhar a Alfabetização e o Letramento. A fusão entre as mídias eletrônicas, as telecomunicações e a informática “criaram no meio educacional um encantamento em relação aos conceitos de espaço e distância, como as redes eletrônicas e o telefone celular, que nos proporcionam ter em nossas mãos o que antes estava a quilômetros de distância” (RAMOS, 2014, p. 2).

Portanto, o espaço atual da sala de aula se torna um ambiente pouco propício para aprendizagem, pois, mesas, cadeiras, lousa, giz, professor e alunos são insuficientes para que se possa ter a garantia de um processo de Alfabetização e Letramento de qualidade.

Sabe-se que, o ser humano vive em constante mudança na evolução do processo histórico, assim; inserir as TICs no ambiente escolar de maneira adequada tende a contribuir positivamente para a junção Alfabetização/Letramento.

Através dessas tecnologias, é possível que se abra um novo leque de opções, e maneiras de se trabalhar a Alfabetização e Letramento em sala de aula, inculcando no aluno a importância em se adquirir conhecimento através da leitura de livros e textos antigos e

contemporâneos, pois, só através da educação de qualidade é que se poderá construir um indivíduo capaz de atuar positivamente para a sociedade que vive.

Mas, inúmeros professores têm enfrentado o desafio de como estar alfabetização os educandos, considerando que a sala de aula é um meio, em que cada aluno possui suas particularidades, cogitando, além de tudo a ter atenção do educador. No meio dos motivos da atribulação do professor em tratar dos desafios, está a ilusão dos grupos, isto é, os grupos multiseriado, e as condutas distintas que cada aluno traz dentro de si, sua individualidade (RAMOS, 2014).

Cagliari (2013, p. 38) explica que, “o professor não precisa de um método específico ele faz seu próprio método usando sua criatividade e experiência”.

Em outras palavras, não há um método pronto e acabado para práticas que obtenha sucesso, dessa forma, como não há um receituário certo a ser seguido, contudo há orientações das bases e parâmetros educacionais que acabam guiando a prática educacional, levando em conta que todo docente possui sua didática em sala de aula, esse feito resulta no modo como professor irá direcionar suas atividades.

Os professores enfrentam muitos contratempos no dia a dia da profissão, e em alguns momentos dificuldades de alfabetizar, isto é, fazer com que o aluno processe a informação recebida dentro da sala de aula. Atualmente, alfabetizar está além da arte de despertar a curiosidade no aluno e ainda conseguir manter organização e disciplina dentro da sala. Para quem não conhece a essência, parece uma tarefa simples, mas diante da questão social vivenciada, onde tudo desperta a atenção, conseguir atrair a curiosidade dos alunos, manter a atenção e a disciplina, é uma verdadeira arte. Alfabetizar e letrar; é assim, criar alternativas e buscar soluções, é gostar do que faz ser professor de corpo e alma, acreditando sempre nos alunos, nunca perder a esperança, humildade e principalmente a tolerância (CAGLIARI, 2013).

A escola se fundamenta como um ambiente de estudo, onde se pratica e propaga a leitura e a escrita. Para muitas crianças de nosso país, a escola é o único lugar onde há livros e onde passam um tempo sem foco em televisão, celular, vídeo game, entre outros dispositivos tecnológicos.

No entanto, não é uma missão simples ensinar a ler e a escrever, pois detém de uma dedicação, tanto do professor, quanto do aluno, dentro e fora da escola, levando o conhecimento adquirindo para a vida, tornando- se bons leitores e produtores de textos.

É um grande desafio para o educador ensinar, exige um interesse individual e profissional, associado ao esforço e criatividade. Encarar esse desafio é comprometer-se, dar o

melhor de si em um movimento constante de aprendizagem. As práticas de ler, pensar e escrever andam juntas. A leitura faz que os leitores viagem na imaginação, induzam a reflexão e escrevam com clareza (CAGLIARI, 2013).

O processo de alfabetização é desafiador, para o professor, que é o profissional responsável pela ação, quanto ao educador que está passando pelo processo. E, como os alunos possuem suas particularidades e o seu tempo quanto a se tornarem alfabetizados, o educador possui mais um desafio: corresponder a todas as reivindicações que os alunos apresentam e optar pelas melhores atividades para cada um. “Se, além disso, soubermos atuar com todos eles ao mesmo tempo, atendendo às diferentes demandas e auxiliando-os, teremos construído um belo perfil conquanto professor (a) -alfabetizador (a) “(MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p. 91).

Alfabetizar letrando é outro desafio a ser conquistado no período do processo, pelo fato de que não necessita somente o educando “codificar” e “decodificar”, o mesmo necessita interpretar e produzir textos de muitos Gêneros Textuais. Uma provável resolução para tal adversidade é a leitura de inúmeras espécies de texto em aula e o emprego de palavras identificadas no texto para a tarefa de alfabetizar.

Outro desafio importante é que, na escola o professor tem que cumprir um cronograma, sendo uma condição negativa em se tratando de aprendizagem do educando, sobretudo no que diz respeito a alfabetizar. É que o educador deve trabalhar em benefício a união das práticas de leitura e escrita e muitas vezes tal cronograma impossibilita caminhar como o profissional precisa e deseja (MARTINS; ESPÍNDOLA, 2016).

Como Lerner (2002) traz:

O necessário é preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais, para conseguir que os seus alunos se apropriem delas possibilitando que se incorporem à comunidade de leitores e escritores, a fim de que consigam ser cidadãos da cultura escrita (Lerner, 2002, p. 18).

O letramento em sala de aula deve possibilitar meios que possam chegar a toda criança, de maneira que ela possa aproveitar dessas virtudes para um melhor aproveitamento do fator educacional, sem nenhuma espécie de feito que os façam ficar privados da aquisição à escrita e à leitura. Dessa forma, a evolução a esses meios são essenciais ao desempenho à cidadania.

Diante desse contexto, um desafio constante e importante; é quanto ao educador refletir a respeito do modo de planejar as aulas e especialmente, ter como meta o processo de



alfabetização da perspectiva do letramento, para que dessa maneira, não empregue práticas desatualizadas, e que este procedimento em sala de aula ocorra de forma paralela e não discriminada no mesmo âmbito, para que assim, possa cooperar com a construção do ser no mundo social (PIRES; FERREIRA, 2019).

Assim, dentre os desafios do educador; é necessário harmonizar alfabetização e letramento, garantindo aos educandos tanto o apoderamento da escrita, como a dominação às práticas de leitura. Portanto, para o educador, hoje, a questão alfabetizar letrando é um desafio, isto é, proporcionar ao educando conviver com inúmeros mensageiros de texto no mesmo momento em que desenvolve o suporte alfabético. As práticas ofertadas em sala de aula devem ser conduzidas de maneira que se possibilite a alfabetização na ótica do letramento. Esse desempenho,

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória... habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura [...] (SOARES, 2013, p.92)

O desafio do professor de alfabetizar letrando ocorre no desenvolvimento da apropriação da escrita pelo educando, tendo que, mostrar sugestões de aprendizagem de modo eficaz com circunstâncias expressivas de aprendizagem, facilitando a perspectiva de modificar a realidade, em especial dando importância ao direito de todos à apropriação da escrita na qualidade de bem cultural. Dessa maneira, é primordial a observação quanto às práticas de letramento elaboradas no processo de alfabetização, pelo fato de se deparar com a escrita em diversos ambientes sociais, essa está inclusa no dia a dia, principalmente com a chegada da sociedade de conhecimento e também da tecnologia. Contudo, levando em conta as diferentes particularidades da alfabetização e letramento e o valor de uma ação pedagógica que assegure o desenvolvimento desses procedimentos na conquista e adequação da língua escrita (PIRES; FERREIRA, 2019).

Alfabetizar Letrando não representa um novo recurso de alfabetização, equivale-se no emprego de textos diversos no ambiente escolar, aprimorando assim, o desempenho de apenas alfabetizar, sendo esse um ponto de vista pedagógico com metodologias voltadas à conquista da leitura e da escrita. A proposição de alfabetização no entendimento do letramento concede um desafio para a prática pedagógica, pelo fato de requisitar transformações importantes a

respeito dos pontos teórico-metodológicos que guiam essa prática desde o ensino da leitura e da escrita, alteração e afastamento das práticas mecânicas e recorrentes, apoiada pelos métodos tradicionais, pedem tomada de outras direções alfabetizadoras, ampliando questões que estejam ligados com práticas sociais vividas pelos educandos (MACEIL; LÚCIO, 2012).

Atuar em sala de aula alfabetizando e letrando não é algo simples, são desafios recentes que vão requerer do educador alfabetizador formação distinta para satisfazer esta reivindicação. Nesta concepção, evidencia-se aqui a função do educador que alfabetiza, por este ser responsável pelo começo de toda vida educacional escolar do educando, visto que, a deficiente alfabetização do educando ou a sua deficiente formação inicial é reproduzida nos próximos anos.

Como já mostrado, hoje, o grande desafio é como alfabetizar letrando. Os procedimentos de alfabetização e letramento são complicados, mas essenciais para que ocorra a inclusão social. O ensino de Letramento desfaz obstáculos tradicionais que vê a alfabetização como pré-condição para o domínio da leitura e escrita. É que se compreende como letramento, “o processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários e como alfabetização o aprendizado mediante ensino, domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever” (PIRES; FERREIRA, 2019, p. 3). Levando em conta, a função dos alfabetizadores na qualidade da educação, é necessário não somente assegurar a formação pertinente desses profissionais, como também disponibilizar lhes perspectivas de trabalho apropriadas e reconhecê-los, para trazer e conservar, em sala de aula, esses profissionais (PIRES; FERREIRA, 2019).

O mérito dos educadores quanto a ofertar uma educação de qualidade a todas as crianças é bastante aceito. Formar alfabetizadores tem se feito significativo para uma educação bem elaborada. A formação inicial e continuada, as situações como ocorrem o trabalho, os planos de carreira e o reconhecimento dos mesmos, entre outras questões, ainda são desafios para as políticas no setor educacional brasileiro.

Os desafios do professor alfabetizador são muitos, mas as práticas são diversas, basta colocá-las para funcionar de forma consciente, planejada e persistente.

### **3. Considerações finais**

Na década de 80, século XX, eis que surgiu o Letramento no Brasil, devendo ser diferenciado da Alfabetização. Dentre os pesquisadores do termo, estava Paulo Freire. Em outros países, como Estados Unidos e Inglaterra, o Letramento também se fez ser percebido

na mesma época. Mas, como se pode averiguar diante de artigos e livros a respeito do assunto, nestes países; as práticas sociais de leitura e de escrita não eram compreendidas, mesmo que o indivíduo fosse alfabetizado; sendo o contrário do Brasil, o emprego eficiente da leitura e da escrita possui sua essência voltada à aprendizagem inicial da escrita, fortalecendo-se, desde o conceito de alfabetização.

Estudiosos como Magda Soares trouxeram que, a Alfabetização e o Letramento são termos e ações que não se manifestam de forma individualizada, isto é, um depende do outro em seu contexto.

O professor durante o processo da Alfabetização precisa se atualizar reformulando suas práticas pedagógicas em prol de mais qualidade, para que Alfabetização/Letramento desenvolvam juntos e resultem em uma educação mais satisfatória para os alunos dos anos iniciais.

A criança das séries iniciais deve possuir como professor alguém que não seja passivo para que, realmente ocorra a junção Alfabetização/Letramento, isto é, o seu trabalho diário não deve ser desenvolvido apenas por meio de um quadro negro ou mesmo de um livro didático; oferecendo aos alunos aulas em meio a quatro paredes, apenas em salas de aulas; sem levar até a eles algo diferenciado; que os motive a lerem e a escreverem, e também a descobrirem novos mundos, ter outras perspectivas, interpretarem o que leem; conseguirem escrever um texto coeso enfim, serem cidadãos.

As práticas pedagógicas do professor alfabetizador diante das dificuldades encontradas no processo de Alfabetização, junto ao processo Letramento devem ser trabalhadas com coerência por meio de variados textos, diversos gêneros textuais, como Contos de fadas, Fábulas, Histórias em Quadrinhos, Crônicas, receitas, bilhetes; com o lúdico por meio de brincadeiras e jogos; com a música, como cantigas de roda, músicas brasileiras; com outros modos de condução de leitura, como rodas, em que a professora lê e coloca os alunos para interpretarem e serem questionados; e até mesmo com a tecnologia, como as Tecnologias de Informação e Comunicação; em suma, que a Alfabetização se desenvolva em um contexto de Letramento nos anos iniciais aguçando a imaginação, a autonomia, o posicionamento crítico, a argumentação e o despertar por elementos inovadores.

A escola não pode deixar que práticas pedagógicas descontextualizadas e desinteressantes sejam trabalhadas com as crianças dos anos iniciais; mas utilizar e ressaltar a cultura escrita em seu cotidiano escolar, manifestando a sua funcionalidade e a sua significação viva, como uma das formas de representação simbólica do mundo.

Por isso, o que se identifica é que grande é um contingente de pessoas mesmo com anos de escolaridade, têm uso restrito e pobre da leitura e da escrita, faltando-lhes habilidades mínimas necessárias para envolverem-se em situações sociais que as requerem, do ponto de vista pessoal, da cidadania ou do trabalho.

“Link para vídeo de apresentação disponível em: < <https://youtu.be/LTILsWDW1ZI>”

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini Trindade Morato Pinto. **Educação, projetos, tecnologias e conhecimento**. São Paulo: PROEM, 2013.

BRANDÃO, Helena Negamine. **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso científico, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2016.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **As dificuldades da alfabetização nas séries iniciais: será um problema de método?** São Paulo: Cortez, 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Ramalhes Goes da. **Leitura e formação de alunos leitores**. 2015. Disponível em: < <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3141/1/RCosta.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: editora Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**/ São Paulo: Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 2012.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

KRAMER, Sônia. Privação cultural e educação compensatória: uma análise crítica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 42, ago. 2015.

LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUEQUE, Eliana Borges Correia. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: O real o Possível e o Necessário**. Porto Alegre, RS: Art. Méd., 2002.

MACEIL, Francisca Izabel Pereira; LÚCIO, Iara Silva. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2012.

MARTINS, Kelly Cristina Costa; ESPÍNDOLA, Ana Lucia. **Alfabetização e letramento na escola: práticas possíveis?** 2016. Disponível em: <[http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss09\\_03.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss09_03.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MELLO, Guiomar. Namó. **Os investimentos na formação de professores**. Pátio, Artimed, ano X, n. 40, p. 21-22, nov. 2006 / jan. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Conceito de Metodologia de Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica. 2005. Disponível em: <<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/20.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

PIRES, Maria das Graças Porto; FERREIRA, Lucimar Gracia. **Alfabetizar e letrar: desafio para prática pedagógica**. 2019. Disponível em: <<http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/viewFile/8274/7942>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. **A mediação na formação do leitor**. 2007. Disponível em: <[http://ple.uem.br/3celli\\_anais/trabalhos/estudos\\_literarios/pdf\\_literario/010.pdf](http://ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2021.

RAMOS, Francisca Aparecida; CARMO, Patricia Edi Ramos. **As tecnologias de Informação e comunicação (TICS) no contexto escolar**. 2014. Disponível em: <<https://monografias.brasil.escola.uol.com.br/educacao/as-tecnologiasinformacao-comunicacao-tics-no-contexto-escolar.htm>> Acesso em: 23 fev. 2021.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo; Ática, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Cortez, 2016.

VICCINI, Carla Gabriele. **Professor Mediador, aluno leitor**. 2011. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5323\\_3946.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5323_3946.pdf)>. Acesso em: 19 fev. 2021.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.